

## RELAÇÃO COMERCIAL BRASIL CHINA: UMA ANÁLISE DA BALANÇA COMERCIAL ENTRE 1996-2016

Raissa Costa da Silva (raicostasilva@hotmail.com)

### RESUMO

O presente artigo visa fazer uma análise do comércio entre Brasil e China nos últimos 20 anos e como se dá essa relação atualmente. Se trata de um apanhado geral de dados de balança comercial e crescimento econômico dos países sem um maior aprofundamento político. Foi percebido que há uma relação superavitária para o Brasil no que concerne a balança comercial, porém o país ainda exporta em sua maioria commodities e importa produtos industrializados da China. As considerações feitas foram que a China é um grande parceiro comercial do Brasil, mas que essa relação não traz um maior crescimento para este, visto que ainda é um país primário exportador. Entretanto, a relação superavitária traz uma condição para que o país cresça e busque um maior desenvolvimento.

### INTRODUÇÃO

É perceptível nos últimos anos o crescimento econômico que a China tem e a sua importância para a economia mundial, visto que segundo dados do Banco mundial, a mesma cresceu em média aproximadamente 10% ao ano nos últimos 20 anos. Com o Brasil não é diferente, a China se enquadra como o principal parceiro comercial do país deixando os Estados Unidos em segundo lugar, segundo dados do Ministério de Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC).

Um fator que precisa ser observado é que muito das trocas comerciais entre os países passa por Hong Kong e por isso algumas análises serão feitas incluindo dados do mesmo, pois, como cita Medeiros (2006), muitas dos investimentos e das trocas comerciais dos países com a China passam por Hong Kong.

O presente artigo visa explicar como se delimitou relação comercial entre Brasil e China nos últimos 20 anos e o quanto isso impacta no saldo da balança comercial brasileira. Dessa forma, serão apresentados dados obtidos por meio do Banco Mundial e do MDIC.

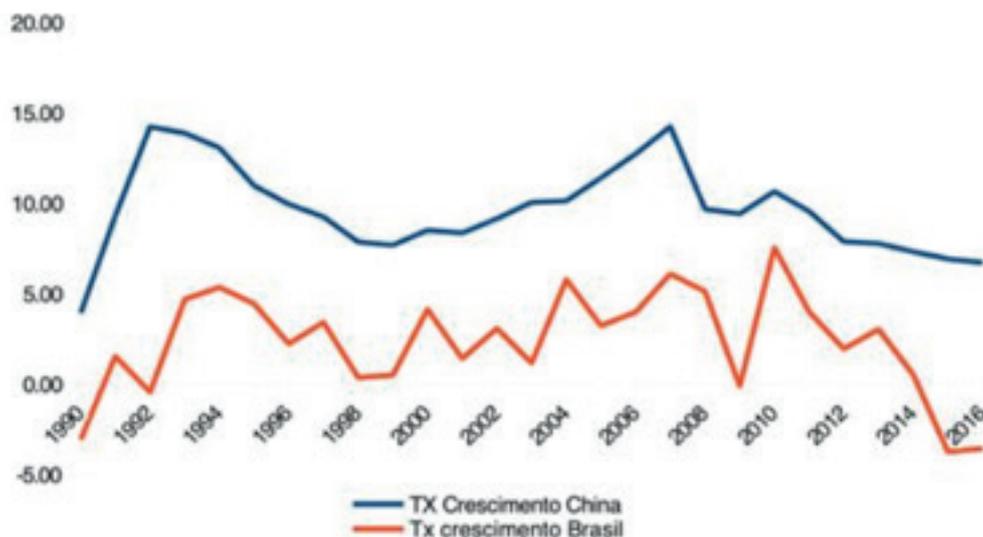
Primeiramente serão abordadas observações acerca das economias brasileira e chinesa desde os anos 90 e a relação entre elas; depois, a análise da balança comercial entre os países com foco em três pontos principais: principais produtos importados e exportados, participação da China no comércio exterior brasileiro, e balança comercial por fator de produção. Por fim, o artigo traz conclusões acerca dos objetos estudados e o impacto que a China tem na economia Brasileira.

## OBSERVAÇÕES ACERCA DAS TRAJETÓRIAS DA ECONOMIA CHINESA E BRASILEIRA A PARTIR DOS ANOS 90

Enquanto no início dos anos 90 o Brasil vivia sua abertura comercial baseada nos preceitos neoliberais, a China estava em um processo de crescimento nos investimentos estatais para o desenvolvimento do setor industrial. Pinto (2011) afirma que durante os anos 90 a China e, não só o Brasil, mas toda a América Latina passava por processos de abertura comercial completamente diferentes. Enquanto a China aprimorava sua pauta de exportação passando a exportar também bens manufaturados, como cita Yin (2006 apud PINTO, 2011), o Brasil estava se rendendo ao receituário neoliberal, de acordo com Cano (1997), onde foi promovida uma abertura comercial com redução de tarifas, minando a indústria local e fazendo com que o país continuasse a ser um agroexportador.

Comparando as taxas de crescimento, a diferença de crescimento do PIB entre os dois países também foi expressiva entre 1990 e 2016, a média de taxa de crescimento anual da China está em torno de 9,64% e a do Brasil em 2,30%. Isso ocorre devido a adoção de políticas completamente diferente nos dois países. No Gráfico 1 abaixo, podemos comparar a evolução da taxa de crescimento dos dois países entre 1990 e 2016.

Gráfico 1: Taxas de Crescimento Brasil e China de 1990 a 2016.



Fonte: Banco Mundial (2017), elaboração própria.

Sobre o crescimento Chinês, Nonnenberg (2010) cita que “houve uma coincidência de fatores geográficos, históricos, políticos e econômicos, que não podem ser replicados em outros países ou outras ocasiões ainda que a experiência chinesa ofereça lições importantes”, ou seja, tentar reproduzir o que foi feito na China em qualquer outro país pode não trazer os mesmos resultados, mas pode-se tomá-la como exemplo de desenvolvimento. O autor ainda cita oito pontos que podem

ser destacados como importantes no crescimento da economia chinesa, que são: processo de prodigalização da formação de preços no país que antes era imposta pelo partido comunista, todavia, os preços-chave da economia continuaram controlados/administrados pelo Estado: câmbio, juros, petróleo, grãos, etc. o caso dos grãos, eles foram liberados por determinado período e recentemente tornaram-se administrados outra vez.; a abertura do mercado a partir de 1978 que gradativamente foi descentralizando os processos de importação e exportação, e foi formalizado no início dos anos 2000 com a entrada do país na Organização Mundial do Comércio (OMC); a criação de Zonas Econômicas Especiais, que descentralizaram a produção e permitiram aumento dos investimentos diretos externos (IDE's) , a produção industrial antes das reformas era descentralizada, tinha no Norte, no interior e, ainda que uma industrialização mais antiga, nas zonas costeiras. Com a criação das ZEEs, a produção industrial passa a estar extremamente concentrada na zona costeira, especialmente aquela destinada às exportações; a existência de um grande contingente de mão de obra rural, que viabilizou a conservação dos baixos salários; a ausência de proteção à propriedade intelectual, que possibilitou inicialmente o crescimento industrial via replicação de técnicas; o gigantesco tamanho da população da China, criando um grande mercado interno; o crescimento dos Investimentos Diretos Externos, via benefício fiscal; e as políticas de incentivo à inovação e à transferência e geração de ciência e tecnologia.

De acordo com Gouveia (2017), no início dos anos 90 a China tinha apenas 3% da produção mundial de manufaturados, em 2013 essa parcela já era de 23%; no ano de 2010, o país ultrapassou os Estados Unidos, se tornando o maior produtor de manufaturados do mundo. A China ainda se transformou no principal exportador mundial no ano de 2009 e em 2013 se tornou o principal país comercial do mundo.

O Brasil nos anos 90 passou por um processo de desconcentração industrial, mas isso não foi um processo benéfico para a economia. De acordo com Caiado (2002) após o ano de 1989 a política econômica realizada no Brasil começa a abandonar o projeto de desenvolvimento que vinha sendo adotado desde os anos 30 e passa a seguir os preceitos neoliberais, que consiste na diminuição do estado na economia, privatizações, desregulamentação dos fluxos de capital e abertura comercial. O que ocorreu nos anos 90 foi a diminuição do poder do estado, privatização de estatais, abertura comercial total, declínio dos investimentos públicos e privados e ajustes fiscais dentre outras medidas que fizeram o país sofrer com inflação galopante e retração de crescimento. Isso culminou com a dependência externa que o país tem e a diminuição da participação da indústria no produto nacional (CAIADO, 2002). No início dos anos 2000, houve uma mudança de governo e de adoção de políticas de desenvolvimento que fizeram com que o país buscasse um maior crescimento e desenvolvimento, o que acarretou em um crescimento mais rápido, mesmo durante a crise de 2008. De acordo com Barros (2011), o país adotou diversas políticas setoriais, fiscais e sociais visando um maior crescimento econômico, que foi o que ocorreu até meados de 2013, quando o país de fato foi atingido pela crise. Um ponto central para as políticas que tiveram sucesso desses governos foi o cenário internacional favorável, especialmente devido ao boom dos preços das commodities entre aproximadamente 2000 e 2014, o que ficou conhecido como o superciclo das commodities.

Como se pode observar nessa breve descrição da situação econômica dos dois países, Brasil e China tiveram políticas completamente diferentes sendo adotadas nos últimos vinte anos, isso também é perceptível quando se compara o comércio entre os dois países, O próximo tópico abordará as relações comerciais entre os países nos anos de 1997 a 2016.

## ANÁLISE DA BALANÇA COMERCIAL BRASIL X CHINA

Antes de fazer uma análise das relações comerciais entre Brasil e China, vamos explorar alguns pontos acerca da balança comercial brasileira. O primeiro ponto a ser abordado é que analisando os principais produtos exportados e os principais importados, podemos observar que, de acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) o país exporta em sua maioria produtos primários e importa bens manufaturados, bens intermediários ou bens de capital, conforme exemplificam os quadros 1 e 2 abaixo.

**Quadro 1: Principais produtos importados e Exportados pelo Brasil em 1997.**

Principais Produtos importados e Exportados pelo Brasil em 1997	
Produto exportados	Produtos Importados
Minérios de ferro e seus concentrados	Demais produtos manufaturados
Café cru em grão	Óleos brutos de petróleo
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	Automóveis de passageiros
Soja mesmo triturada	Partes e peças para veículos automóveis e tratores
Aços	Partes de aparelhos transmissores ou receptores
Automóveis de passageiros	Naf tás
Partes e peças para veículos automóveis e tratores	Compostos heterocíclicos, seus sais e sulfonamidas
Produtos semimanufaturados de ferro ou aços	Máquinas automát icas p/ process.de dados e suas unidades
Demais produtos manufaturados	Circuitos integrados e microconjuntos eletrônicos
Partes para veículos automóveis e suas partes	Medicamentos para medicina humana e veterinária

Fonte: MDIC(2017)- Elaboração própria

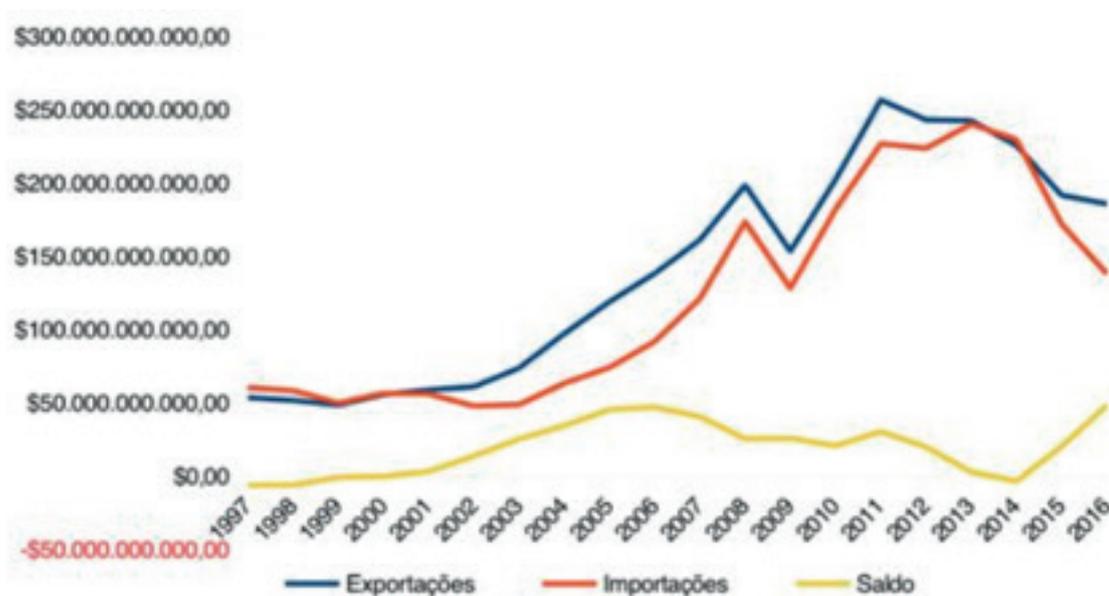
**Quadro 2: Principais produtos importados e exportados pelo Brasil em 2016**

Principais Produtos importados e Exportados pelo Brasil em 2016	
Produto exportados	Produtos Importados
Soja mesmo triturada	Demais produtos manufaturados
Minérios de ferro e seus concentrados	Medicamentos para medicina humana e veterinária
Óleos brutos de petróleo	Partes e peças para veículos automóveis e tratores
Açúcar de cana, em bruto	Compostos heterocíclicos, seus sais e sulfonamidas
Carne de frango congelada, fresca ou refrig.ind.miudos	Óleos combust íveis (óleo diesel, "fuel-oil", etc.)
Celulose	Óleos brutos de petróleo
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	Automóveis de passageiros
Café cru em grão	Circuitos integrados e microconjuntos eletrônicos
Automóveis de passageiros	Naf tás
Carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada	Inset ícidas, formicidas, herbicidas e prods.semelhantes

Fonte: MDIC(2017)- Elaboração própria.

O que pode ser observado é que a pauta exportadora brasileira nos últimos 20 anos foi aumentando a exportação de produtos agrícolas, conforme pode ser visto comparando o quadro 1 com o quadro 2. Em 1997, dentre os dez principais produtos exportados, seis eram de manufaturas; em 2016, a quantidade de manufaturados passou a ser de dois produtos. Já nas importações podemos observar que não houve muita diferença em sua composição. O segundo ponto a ser abordado é a balança comercial em si, entre os anos de 1997 e 2016 as trocas comerciais brasileiras apresentavam déficit em 1997 e em 2016 apresentaram superávit, conforme mostra o gráfico 2.

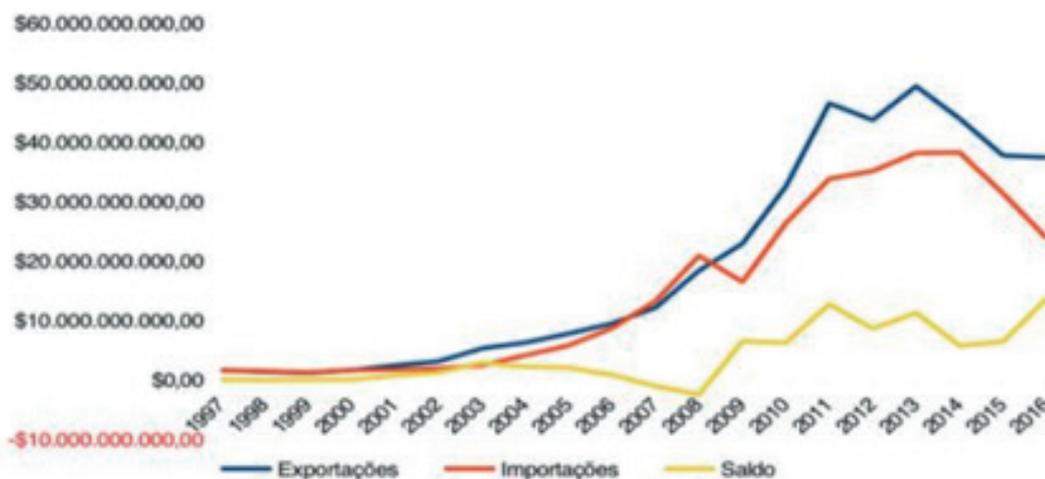
Gráfico 2: Balança comercial brasileira (US\$-FOB)1997-2016



Fonte: MDIC (2017)- Elaboração própria

As relações comerciais entre Brasil e China iniciaram-se em 1978, ano de abertura comercial desta, na assinatura de acordo bilateral de comércio em Pequim. Desde então, as relações entre os países vêm se estreitando e atualmente a China é o principal parceiro comercial do Brasil (Santos, 2015). De acordo com dados do MDIC, em 1997 2,93% das exportações brasileiras foram destinadas à China, em 2016 esse percentual passou a ser de 20,19%; já as importações passaram de 2,63% em 1997 para 17,33% em 2016. Como podemos ver no gráfico 3, o comércio entre os países têm sido uma crescente, a queda nos últimos dois anos pode ser explicada pela crise econômica e política na qual o Brasil se encontra, pois, como podemos observar no gráfico, a queda nas importações foi maior do que a das exportações.

Gráfico 3: Balança Comercial Brasil-China (Incluindo Hong Kong) – (US\$ FOB) 1997-2016



Fonte: MDIC (2017) - Elaboração própria.

Entretanto, mesmo com a balança comercial em relação a China sendo positiva para o Brasil, quando analisamos que tipos de produto são exportados e importados, percebemos onde ocorre as diferenças econômicas entre eles. Brasil importa da China produtos industrializados (ou manufaturados) e exporta em sua maioria produtos básicos ou primários, como podemos observar nas imagens abaixo. Por exemplo, de acordo com dados do MDIC, a soja exportada para China que caracteriza 41% do total das exportações brasileiras em 2016 (imagem 2), somam a quantia de quase 14,5 bilhões (US\$-FOB); agregando os produtos que o Brasil importa da China e que caracterizem cerca de 41% do total das importações, somam uma quantia de quase 10 bilhões (US\$-FOB).

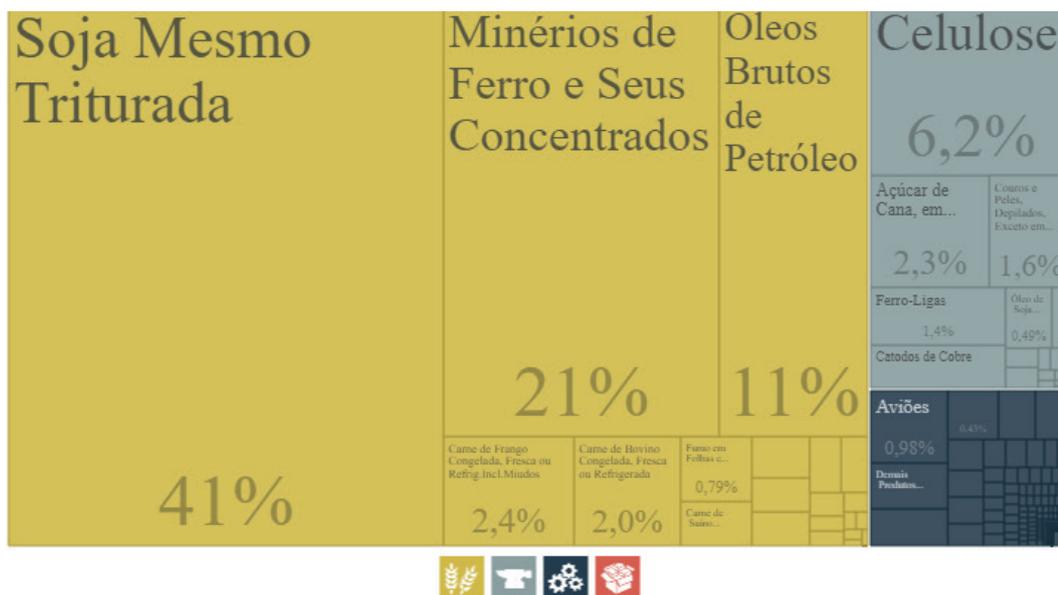
Imagem 1: Principais produtos importados da China pelo Brasil em 2016

Demais Produtos Manufaturados	Plataformas de perfuração ou de exploração, dragas, etc.	Máquinas Automáticas P/ Processos de Dados e...			Aparelhos para Intercepção e Proteção de Energia	Fios de Fibras Têxteis, Sintéticos ou Artificiais	Produtos Laminados Plásticos de Ferro ou Aço		Tecidos de Malha	
	2,7%	1,6%	1,3%	1,3%	1,3%	1,2%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%
Motores, Geradores e Transformadores Elétr. e Suas Partes	1,6%	1,3%	1,3%	1,3%	1,2%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	
2,7%	1,6%	1,3%	1,3%	1,3%	1,2%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	
Circuitos Integrados e Microconjuntos Eletrônicos	1,5%	1,3%	1,3%	1,3%	1,2%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	
2,6%	1,5%	1,3%	1,3%	1,3%	1,2%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	
Circuitos Impressos e Outs Parts P/Apar. de Telefonia	1,5%	1,3%	1,3%	1,3%	1,2%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	
4,9%	2,6%	1,3%	1,3%	1,3%	1,2%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	
Partes de Aparelhos Transmissores ou Receptores	2,3%	1,3%	1,3%	1,3%	1,2%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	
3,4%	2,3%	1,3%	1,3%	1,3%	1,2%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	
Compostos Heterocíclicos, Seus Sais e Sulfonamidas	2,1%	1,3%	1,3%	1,3%	1,2%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	
3,4%	2,1%	1,3%	1,3%	1,3%	1,2%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	



Fonte: MDIC (2017)

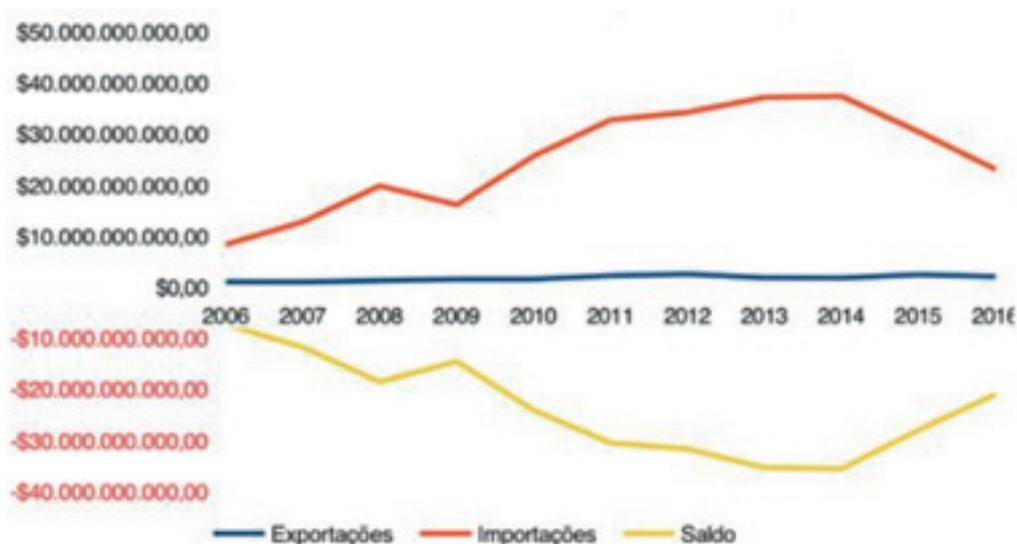
Imagem 2: Principais produtos Exportados do Brasil para China em 2016



Fonte: MDIC (2017)

Separando as importações e exportações por fatores produtivos, o Brasil tem déficit na balança comercial de produtos manufaturados, ou seja, industrializados, conforme verificamos no gráfico 4. Segundo dados do MDIC, em 2006 o Brasil exportou cerca de 879 milhões (US\$-FOB) enquanto importou cerca de 7 bilhões (US\$-FOB), gerando um déficit de quase em torno de 6 bilhões, já em 2016, esses valores foram cerca de 2 bilhões (US\$-FOB) e 22 bilhões (US\$-FOB), gerando um saldo negativo de 20 bilhões (US\$-FOB). Ou seja, em 10 anos o déficit de produtos manufaturados do Brasil aumentou em 15 bilhões (US\$-FOB).

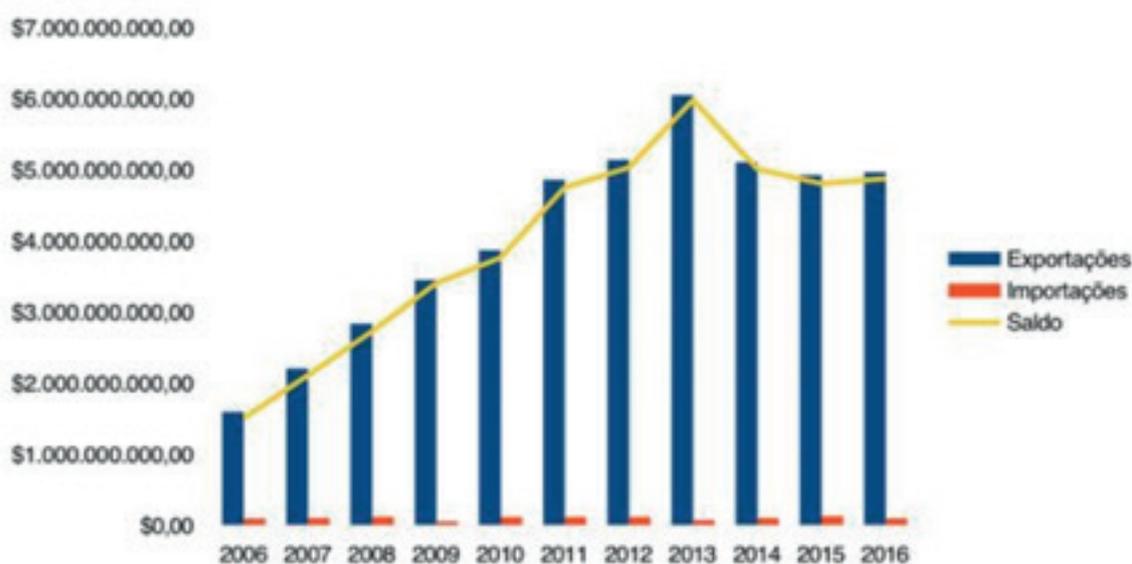
Gráfico 4: Balança comercial Brasil-China (incluindo Hong Kong) de produtos manufaturados (US\$-FOB) 2006 a 2016



Fonte: MDIC (2017)- Elaboração própria.

Quando partimos para analisar produtos semimanufaturados o resultado se modifica, o Brasil tem superávit comercial nesse setor e exporta uma quantidade significativamente acima do que importa da China, conforme gráfico 5. Em 2006 o Brasil exportou cerca de 1 bilhão (US\$-FOB) enquanto importou cerca de 85 milhões (US\$-FOB), gerando um superávit em torno de 1,5 bilhão (US\$-FOB), já em 2016, esses valores foram cerca de 4,9 bilhões (US\$-FOB) e 89 milhões (US\$-FOB), gerando um saldo positivo em torno de 4,8 bilhões (US\$-FOB). Ou seja, em 10 anos o superávit de produtos semimanufaturados do Brasil aumentou em 3,3 bilhões (US\$-FOB), de acordo com dados do MDIC.

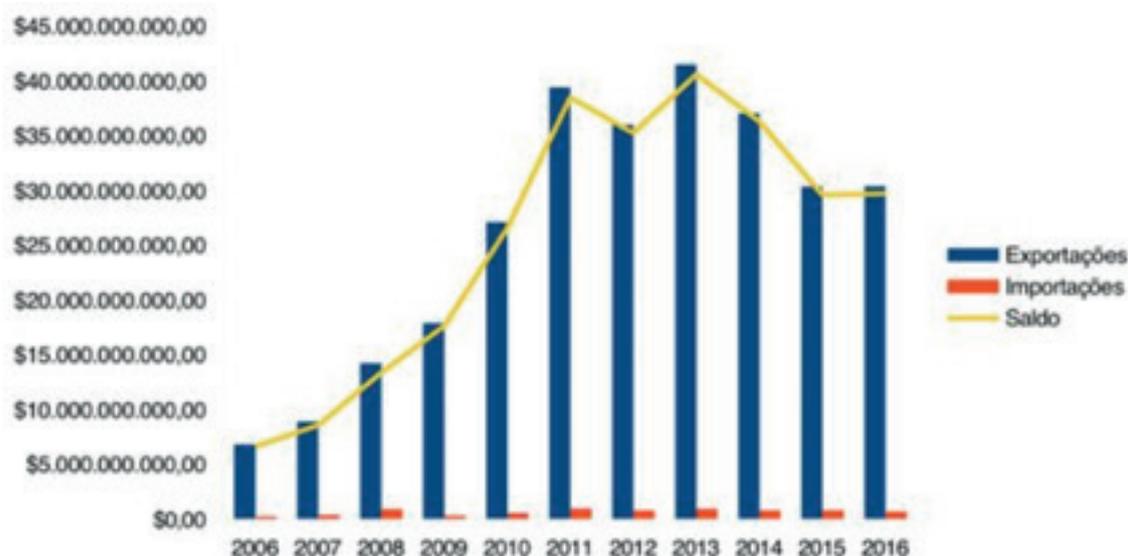
Gráfico 5: Balança comercial Brasil-China (incluindo Hong Kong) de produtos semimanufaturados (US\$-FOB) 2006 a 2016



Fonte: MDIC (2017)- Elaboração própria.

Se tratando de produtos básicos, também há superávit comercial brasileiro, visto que a maioria dos produtos que a China importa do país são desse tipo de produto. Como mostra o gráfico 6, segundo informações do MDIC, em 2006 o Brasil exportou cerca de 6,8 bilhões (US\$-FOB) enquanto importou cerca de 203 milhões (US\$-FOB), gerando um superávit em torno de 6,6 bilhões (US\$-FOB), já em 2016, esses valores foram aproximadamente 30,3 bilhões (US\$-FOB) e 651 milhões (US\$-FOB), gerando um saldo positivo em torno de 29 bilhões (US\$-FOB). Ou seja, em 10 anos o superávit de produtos básicos do Brasil aumentou em 23 bilhões (US\$-FOB).

Gráfico 6: Balança comercial Brasil-China (incluindo Hong Kong) de produtos básicos (US\$-FOB) 2006 a 2016



Fonte: MDIC (2017)- Elaboração própria

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar as relações comerciais entre Brasil e China nos últimos anos, mais especificamente, destrinchar a balança comercial e verificar como se dá esse comércio. O que pode ser observado é que de fato o Brasil possui superávit comercial em relação à China, mas observando os setores em que ocorre esse excedente, talvez isso não seja tão vantajoso para o país, que exporta em sua maioria produtos primários e importa uma maior quantidade de produtos manufaturados. Isso não gera tantos empregos no país e não faz com que se desenvolva tecnologias.

O que proporcionou a China a hoje ser considerada como a fábrica do mundo foi a quantidade de investimentos e a inversão produtiva realizada no país. A balança comercial entre os países e o tipo de produto em que cada um se especializou e o tamanho da economia de cada um o revela a importância de se especializar em produtos manufaturados, em desenvolver indústrias e tecnologias.

Possuir uma pauta exportadora de produtos primários não se configura de um todo ruim, mas depender apenas do mercado externo pode ser complicado. Podemos ver que quando a China cresce o Brasil também cresce até pelo fato da mesma ser a maior parceira comercial, porém, caso ocorra um revés econômico, isso pode levar o país a uma crise e com dependência externa pode ocorrer que nem sempre o câmbio venha a ajudar.

Por fim, a parceria comercial entre os países é uma crescente, comprar produtos vindos da China é mais barato e muitas empresas brasileiras já visualizam esse mercado, o país ainda possui um amplo mercado interno que necessita dos produtos brasileiros o que estreita cada vez mais as relações entre os países. Para trabalhos futuros, fica a necessidade de se olhar mais profundamente a questão da força de trabalho chinesa, que tem grande importância por seus baixos salários e que é

a força motriz dessa grande fábrica, além de outros fatores como educação, transferência tecnológica e poder do estado nas transformações econômicas, e o quanto todos esses fatores impactam no comércio mundial.

## REFERÊNCIAS

BANCO MUNDIAL. World Development Indicators Database. **The world Bank Data:China**. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/country/china>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. World Development Indicators Database. **The world Bank Data:Brazil**. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/country/brazil>>. Acesso em: 12 jul. 2017

BARROS, Alexandre Rands. **Desigualdades Regionais no Brasil: Natureza, causas, origens e soluções**. São Paulo: Elsevier- Campus, 2011. 368 p.

BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. Secretaria de Comércio Exterior. **Comex Vis: Visualizações de Comércio Exterior**. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis>>. Acesso em: jul. 2007.

CANO, Wilson. Concentração e desconcentração econômica regional no Brasil: 1970/95. In: **Economia e Sociedade** Campinas, Instituto de Economia/UNICAMP, n. 8. junho/1997. p. 101 – 141.

CAIADO, Aurílio Sérgio Costa. **DESCONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL NO BRASIL (1985 – 1998): PAUSA OU RETROCESSO?**. 2002. 290 f. Tese (Doutorado) - Curso de Economia, Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002

GOUVEIA, Esther Majerowicz. **A Fábrica do Mundo**. Natal: A Autora, 2017. 46 slides, P&B.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. A China como um duplo pólo na economia mundial e a recentralização da economia asiática. **Revista de Economia Política**, [s.l.], v. 26, n. 3, p.381-400, set. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-31572006000300004>.

NONNENBERG, Marcelo José Braga. China: estabilidade e crescimento econômico. **Revista de Economia Política**, [s.l.], v. 30, n. 2, p.201-218, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-31572010000200002>.

PINTO, Eduardo Costa. O EIXO SINO-AMERICANO E AS TRANSFORMAÇÕES DO SISTEMA MUNDIAL: TENSÕES E COMPLEMENTARIDADES COMERCIAIS, PRODUTIVAS E FINANCEIRAS. In: LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira; PINTO, Eduardo Costa; ACIOLY, Luciana. **A China na nova configuração global:**

impactos políticos e econômicos. Brasília: Ipea, 2011. Cap. 1. p. 19-77.

SANTOS, Emília Karla Mendes dos. **ANÁLISE DAS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE BRASIL E CHINA: UMA ABORDAGEM UTILIZANDO O MODELO DE VETOR DE CORREÇÃO DE ERRO**. 2015. Disponível em: <<https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/1926/1/Análisedasrelaçõescomerciais.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2017.